

INSTITUTO

 SOCIOAMBIENTAL
 Documentação
 Fonte: VEJA
 Data: 10/7/1996 Pg 67 e 68
 Class: 97



O advogado Oliveira, da tribo pancararu: do sertão para os corredores do STF

não chega a 46 anos — vinte a menos que a média nacional. As causas de morte mais comuns, de acordo com um levantamento do Instituto de Medicina Tropical de Manaus, são malária, diarreia e infecções respiratórias, doenças que seriam facilmente tratadas se houvesse um posto de saúde próximo. A falta de assistência médica em casos dessa natureza é responsável por 22% dos óbitos entre os índios.

VIDA BRASILEIRA

Tribo do asfalto

Pesquisa mostra que um em cada dez índios brasileiros abandonou a aldeia de origem para viver em cidades

Paulo Celso de Oliveira, de 25 anos, nasceu em uma família pobre no sertão nordestino, migrou para Goiânia depois de completar o 2º grau e, com uma bolsa de estudo, formou-se advogado pela Universidade Católica de Goiás. Hoje é assessor jurídico de uma organização não-governamental (ONG) em Brasília e circula todos os dias pelos corredores do Supremo Tribunal Federal, a mais alta corte de Justiça do país. Seria um exemplo entre milhares de brasileiros pobres que subiram na vida depois de frequentar uma universidade, não fosse um detalhe que torna sua trajetória diferente das demais. Oliveira é um índio da tribo dos pancararus, do interior de Pernambuco. É também um dos casos mais bem-sucedidos entre os 30 000 indígenas que, segundo um levantamento recente da Fundação Nacional de Assistência aos Índios, Funai, deixaram a aldeia de origem nos últimos anos para viver nas cidades.

Os índios urbanos já correspondem a 10% do total da população indígena do país, estimada em 325 000 pessoas. O número é cinco vezes maior que o de trinta anos atrás, quando só dois em cada 100 índios viviam nas cidades. Se for-

massem uma etnia única, os índios que moram em cidades seriam a segunda maior tribo brasileira, atrás somente dos guaranis, cuja população é estimada em 35 000 pessoas. “Quase todas as tribos que eu conheço têm um grupo morando nas cidades”, afirma o pernambucano Oliveira. “Ainda hoje muita gente acha que somos meio bicho”, diz Vitória Santos dos Santos, índia caripuna e dentista na cidade de Oiapoque, na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. Vitória fez parte da primeira leva de índios com diploma universitário, formada na década de 70.

FAVELAS — Embora cada vez mais numerosos, casos de índios com formação universitária e emprego garantido — como Oliveira e Vitória — ainda são raros. A grande maioria vive em favela e trabalha como camelô ou como peão em canteiros de obras. A migração para as cidades é uma tentativa de fugir da miséria. Nas aldeias, a expectativa de vida

Ao migrar para as cidades, os índios perdem toda a assistência que recebem da Funai nas suas reservas. “Quem deixa a aldeia vai por sua conta e risco”, diz o diretor do órgão, Wellington Gomes Figueiredo. Muitos deles parecem não se importar com isso. A tribo pancararu é um exemplo radical da migração. Com quase metade da sua reserva original ocupada por posseiros, 700 índios deixaram o Nordeste e formaram um núcleo dentro da favela Real Parque, em São Paulo. Sobrevivem como operários da construção civil ou como vigias noturnos. A maioria é analfabeta e mora em barracos amontoados à beira de esgoto a céu aberto. “É uma vida miserável, mas ainda assim melhor que em Pernambuco, onde não tem lugar para todo mundo”, explica Frederico de Assis, um dos líderes do grupo.

MISSIONÁRIOS — O professor de antropologia Leonardo Fículo, da Universidade Federal de Minas Gerais, autor de um dos raros estudos sobre a vida de grupos indígenas nas cidades, acredita que a migração

deve continuar nos próximos anos. Segundo ele, ela é motivada pela aculturação dos índios nas próprias aldeias. “Nos anos 70, nas margens do Rio Negro, os missionários ensinavam técnicas de sapataria aos os índios tucanos. Em poucos anos, dezenas deles estavam na periferia de Manaus tentando ganhar a vida”, relata. A cidade com maior número de habitantes indígenas é Boa

Longe da aldeia

As cidades brasileiras com maior número de habitantes indígenas

Boa Vista (RR)	11 000
Manaus (AM)	10 000
Belém (PA)	3 500
Campo Grande (MS)	3 000
Amambai (MS)	2 300

Fonte: Funai

Vista, capital de Roraima (veja quadro na pág. anterior).

Já houve outra época na História brasileira em que a população indígena urbana era grande. No livro *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda relata que, até meados do século XVII, havia tantos índios em São Paulo que o guarani, e não o português, era a língua comum entre os moradores da cidade. A diferença é que, naquele tempo, a grande maioria dos índios ia parar na cidade à força, escravizada nas incursões dos bandeirantes sertão adentro. Do ponto de vista da influência cultural, hoje ocorre o oposto. Trinta das mais de 200 tribos brasileiras já perderam sua língua de origem e só falam o português.

CACHÊ — A perda das raízes culturais tende a se acelerar com a migração para as cidades. A tribo Guarani, de São Paulo, está produzindo a mais original solução para manter suas características. Na aldeia ao lado da Represa Billings, dentro do perímetro urbano de São Paulo, uma escola reconhecida pela prefeitura tem ensino bilíngüe e aulas de teatro. Depois de participar da minissérie *O Guarani*, em 1991, os índios formaram um grupo teatral infantil que cobra cachê de 3 000 reais para apresentações em todo o Brasil. Estão previstas seis até dezembro. “Um índio que usa gravata não deixa de ser o que é, assim como um branco que usar cocar não perderá a identidade”, compara Antônio Carlos Karai Mirim, diretor do grupo teatral.

Outra novidade, confirmada pelos levantamentos da Funai, é que, depois de um longo declínio, a população indígena no Brasil voltou a aumentar. A taxa de crescimento demográfico entre os índios é de 1,7%, um pouco acima da média nacional, estimada em 1,5%. Hoje, eles correspondem a 0,2% da população do país. ■



MARCOS ISSA/MAGOS

Teatro guarani: cachê de 3 000 reais